ANTOLOGIA DE CONTOS INDÍGENAS DE ENSINAMENTO

TEMPO DE HISTÓRIAS

Daniel Munduruku

Organização e apresentação de

Heloisa Prieto

MANUAL DO PROFESSOR

Richmond

MODERNA

ANTOLOGIA DE CONTOS INDÍGENAS DE ENSINAMENTO

TEMPO DE HISTÓRIAS

Daniel Munduruku

Organização e apresentação de
Heloisa Prieto

1ª edição

MANUAL DO PROFESSOR

Richmond

MODERNA

TEXTO © DANIEL MUNDURUKU, 2021
ORGANIZAÇÃO © HELOISA PRIETO, 2021

COORDENAÇÃO EDITORIAL María Inés Olaran Múgica
Maristela Petrili de Almeida Leite
EDIÇÃO DE TEXTO Erika Alonso
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues
COORDENAÇÃO DE REVISÃO Estevam Vieira Lédo Jr., Elaine C.del Nero
REVISÃO Rita Lopes, Luciana Garcia, Nair Hitomi Kayo
EDIÇÃO DE ARTE, CAPA E PROJETO GRÁFICO Ricardo Postacchini
DIAGRAMAÇÃO Ricardo Yorio, Camila Fiorenza Crispino
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Eduardo Albini
COORDENAÇÃO DE TRATAMENTO DE IMAGENS Américo Jesus
TRATAMENTO DE IMAGENS Fabio N. Precendo, Rodrigo R. da Silva
PRÉ-IMPRESSÃO Vitória Sousa
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wendell Jim C. Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Munduruku, Daniel
Antologia de contos indígenas de ensinamento : tempo de histórias : manual do professor / Daniel Munduruku ; organização e apresentação de Heloisa Prieto. — 1. ed. — São Paulo : Richmond Educação, 2021.

ISBN 978-65-5795-011-1

1. Folclore indígena 2. Povos indígenas — Brasil — Literatura infantojuvenil 3. Povos indígenas — Cultura I. Prieto, Heloisa. II. Título.

20-46098 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Povos indígenas : Brasil : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Povos indígenas : Brasil : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

RICHMOND EDUCAÇÃO LTDA.
Rua Padre Adelino, 758, sala 3 - Quarta Parada
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

DE ACORDO COM AS NOVAS NORMAS ORTOGRÁFICAS

MODERNA

À Camila, Cynthia e Gabriela.
Moças que tenho visto crescer e começar
a deixar nascer o novo em si.

MODERNA

SUMÁRIO

OS VERDADEIROS COMPANHEIROS –
HELOISA PRIETO, 7

UM CADINHO DE PROSA –
DANIEL MUNDURUKU, 11

1. TEMPO DE MUDAR, 13
2. TEMPO DE INFÂNCIA, 23
3. TEMPO DE APRENDER, 33
4. TEMPO DE ESCOLHER, 40
5. TEMPO DE OBSERVAR, 56
6. TEMPO DE OUSAR, 64
7. TEMPO DE ENSINAR, 74

AUTOR E OBRA, 86

PARATEXTO: ENTRE A CIDADE E A ALDEIA:
TEMPOS E NARRATIVAS PLURAIS, 89

MODERNA

MODERNA

OS VERDADEIROS COMPANHEIROS

É sempre um grande prazer conhecer as histórias contadas por Daniel Munduruku. Ao longo de nossa grande amizade tive o privilégio de ouvi-lo narrar os mitos de origem da comunidade Munduruku, os ritos de passagem e os pensamentos de seu avô — figura lendária em sua obra. Porém, como nosso convívio se dá na cidade, fui também percebendo que Daniel era capaz de fazer uma leitura da realidade urbana, de forma bem-humorada, irônica e perspicaz. De onde viria tanta sabedoria? Será que o tempo da mata, de algum modo misterioso, o teria preparado para o enfrentamento com o tempo digital, impiedoso e fragmentado do espaço contemporâneo?

Gosto de dizer que narrar é uma forma de pensar o mundo. Seja na volta de uma viagem, de uma festa ou na hora de enfrentar uma decisão séria, nosso impulso natural é contar a alguém o que acontece, como se ao narrar fôssemos capazes de emprestar um novo significado à vida. Trata-se de uma necessidade que remonta às origens mais remotas da humanidade, quando as pessoas se reuniam em volta da fogueira ou no aconchego de uma caverna para ouvir um xamã que lhes narrava um mito ou a saga de um herói

MODERNA

caçador. Ouvir uma história, então, talvez seja uma forma de certificar a força da vida, da esperança ou da beleza de uma derrota quando transformada em momento de aprendizado.

Não só em suas lindas narrativas, mas mesmo ao ouvir os menores comentários ou brincadeiras sobre a vida na cidade, sinto, dentro de Daniel, a coexistência pacífica do narrador ancestral, aquele que sabe se sentar diante de uma fogueira e cumprir um rito imemorial, como também o é a voz do homem moderno, perplexa e crítica. No entanto, ao contrário da tendência niilista, que marca tantos textos contemporâneos, a narrativa de Daniel parece abrigar uma compreensão profunda do ser humano que, de tão generosa, não admite o pessimismo.

Era justamente a riqueza da dualidade de nosso Daniel, mais conhecido por Derpó, entre os munduruku, que eu desejava apreender por meio de um texto literário. E qual seria o melhor suporte narrativo para a expressão dessa "dupla personalidade" cuja sabedoria se expressa como uma terceira via de conhecimento?

Em termos de literatura, a antologia é justamente o gênero que, de algum modo, recria a situação da narrativa primordial: pessoas sentadas numa roda, contando histórias umas às outras.

Pois bem, uma antologia pode ser composta de vários autores ou de um único contador, como é o caso desse nosso *Tempo de histórias*. Quando vários autores entregam contos reunidos sob um determinado tema, como o amor ou o terror, a sensação que se tem, após a leitura, é a mes-

ma de quando estamos numa noite chuvosa, por exemplo. Cada pessoa narra uma história à outra, estabelecendo uma comunicação profunda diferente da confidência ou do bate-papo, mas talvez até mais reveladora à medida que a história escolhida pelo narrador revela sempre uma parte muito íntima de seu imaginário secreto.

Há, porém, uma outra maneira de compor uma antologia: a técnica do conto moldura. Essa é a estrutura básica de *As mil e uma noite noites*, clássico da literatura árabe. Nessa obra, temos uma situação considerada o conto moldura: a bela princesa Sherazade, que enfrenta o desafio de acalmar um sultão enlouquecido por meio de suas histórias. Composto das narrativas que ela tece durante suas noites ao lado do amado como também dos problemas que a princesa vive de modo a conseguir prosseguir com a narrativa até seduzi-lo totalmente, temos um livro que é formado por um conto que se insere em outro e cujo resultado final é como uma tela líquida na qual um fio de história mescla-se na tessitura narrativa de outro e mais outro.

Para que o leitor pudesse desfrutar da rica prosa de Daniel, normalmente intercalada por mitos, relatos de sonho e comentários sobre os ancestrais, eu lhe sugeri que relatasse, pela primeira vez, suas experiências como professor no Ensino Médio de um colégio paulistano. Uma situação difícil, pioneira, mas também repleta de encantamento e aprendizado.

Eu percebia que, na vida de Daniel, as narrativas orais funcionavam como ferramentas para desvendar os desa-

fios da cidade, portanto, pedi-lhe que escrevesse essa experiência exatamente como gosta de contá-la, pontuando-a com mitos, reflexões, humor e compaixão.

Assim nasceu esse *Tempo de histórias*, um livro cheio de vozes, ruídos de mata e de rio espalhando-se por entre a polifonia da cidade, rompendo com os limites do concreto para permitir a passagem do sonho e do riso, o ingresso numa terceira margem da sensibilidade: a convivência harmônica e frutífera, capaz de harmonizar as diferenças, assim como o faz a natureza no espaço da floresta e do rio, os verdadeiros e eternos companheiros dos seres humanos. Assim chega o tempo de rever o tempo, do ponto de vista de um peixe maluco, no fundo mágico das águas encantadas.

Seja bem-vindo, leitor.

Heloisa Prieto

Heloisa Prieto é doutora em língua e literatura francesa pela USP, pesquisadora do processo de criação literária, com orientação do analista e professor doutor Philippe Willemart. Mestre em semiótica pela PUC, é autora de diversas obras de literatura infantojuvenil, entre as quais: *Lá vem história*, *Divinas aventuras*, *Mata, Terra, Mil e um fantasma*s (Companhia das Letras). Detentora dos prêmios Jabuti (coordenação editorial de coleção infantojuvenil), União Brasileira dos Escritores (melhor livro de folclore), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (leitura Altamente Recomendável para Crianças) e PNBE, iniciou a carreira como professora da Escola da Vila, onde contava histórias para crianças pequenas.

Entre vários trabalhos conjuntos com Daniel Munduruku constam: *Histórias de índio* (Companhia das Letras), *O livro dos medos* (Companhia das Letras) e *Um estranho sonho de futuro* (FTD).

UM CADINHO DE PROSA

Foi um grande prazer fazer este livro. Não apenas por ter sido um desafio falar para jovens com leveza e num tom de prosa, tom de beira de fogueira, tom de sala de aula. Foi um prazer, sobretudo, porque foi como uma volta ao meu passado: pude lembrar coisas que havia esquecido, ou melhor, coisas que estavam escondidas dentro de mim. Foi um prazer porque pude retornar a um tempo que me deixou marcas profundas e que marcou meu modo de ser e fez aumentar minha fé nos jovens brasileiros. Um tempo que vivi e do qual trago grandes recordações.

Estas são falas sobre o tempo. Não o tempo vulgar, mas um tempo sagrado porque interno, meu. Falas de mudança, de aprendizado, de escuta. Falas do tempo que nos escapa a cada momento e nos deixa, às vezes, vazios, mas também nos deixa prenhes do novo, da conquista, da vitória.

Cada um destes capítulos são como *flashes* de memória que me foram ocorrendo e me foram trazendo à luz o prazer de estar com os jovens numa época em que fui professor, ou melhor, fui confessor de meus sonhos. Pois foi com eles que aprendi que não é preciso saber tudo, mas é

MODERNA

importante confessar o que se deseja; aprendi que o prazer de ensinar nasce junto com o prazer de aprender; aprendi que para ensinar é preciso estar cheio, não de conhecimentos, mas de futuro, de esperança, de tolerância e de orgulho.

E, por ter aprendido estas coisas com os jovens da cidade, quis partilhar com eles o que aprendi na floresta, ouvindo da boca dos velhos um saber que não está nos livros ou nas bibliotecas, mas está na observação do cotidiano, na maneira simples de ver as coisas e tentar compreendê-las sem juízo e sem arroubos de sabedoria. Elas estão ali, assim, simplesmente, e quem consegue perceber isso encontra uma nova forma de ler o mundo e entendê-lo na sua complexidade.

Foram estas reflexões que suscitaram em mim a escrita deste livro e espero que ele possa suscitar em seus leitores o mesmo prazer que senti em escrevê-lo.

Daniel Munduruku

MODERNA

1. TEMPO DE MUDAR

Sexta-feira: Meu último dia na escola.
Tema: Tempo da ousadia.
Objetivo: Fazer da despedida um recomeço.
Desenvolvimento: Vai de improviso.
Duração: Uma aula.
Resultado esperado: Nenhum
(talvez tristeza de parte a parte).

Nunca pensei que fosse tão difícil ser educador. Não tanto pelos alunos, mas especialmente pelo fato de a estrutura educacional ser sempre muito conservadora e não permitir mudanças. E educar jovens requer irreverência, acolhida e dedicação. Esses três elementos se confundem no cotidiano do verdadeiro educador, mas também o realizam.

Não sei onde li esse texto ou se fui eu mesmo quem o construiu ao longo de tantos anos de exer-

cício da profissão. O fato é que sou muito feliz por ter sido escolhido pelo Grande Espírito para ser educador. Sim, sou um educador, confessor de meus sonhos. Foi sempre isso o que fiz e deu um resultado espetacular.

Hoje recebi uma grande homenagem dos meus jovens amigos e educandos. Eles me comoveram, aqueles pestinhas. Eu não esperava por isso. Quer dizer, até que esperava, pois sei como eles são surpreendentes. Eles são muito especiais.

A homenagem foi simples, mas foi demais! Foi bom poder ouvir as coisas que eles me disseram, coisas bacanas que mostraram ser um privilégio conviver com eles.

Recordo aqui para não esquecer depois.

Anunciei dias atrás que este seria meu último mês aqui na escola. A revolta entre os alunos foi grande. Primeiro se voltaram contra mim. Eles me disseram coisas verdadeiras, mas inocentes. Alguns queriam entender por que eu os estava abandonando justamente no momento em que mais precisavam de mim. Outros me chamaram de traidor, de covarde, de bundão. E ouvi a todos pacientemente, com a paciência de quem vem do coração dos deuses. E não poderia agir de outra forma, pois eu os havia educado assim. Cabia a mim colocar em prática as sabedorias que lhes revelei durante nossos encontros em sala de aula.

Depois de algum tempo pedi a palavra e lhes fiz um discurso que saiu de dentro de meu apertado co-

ração. Disse-lhes apenas que era chegado o tempo de mudar, de buscar novas trilhas para transformá-las em caminho. Outros jovens tinham que ouvir as palavras da tradição. Lembro que defendi a instituição, mas não deixei de fazer minhas considerações sobre a escola e sua fórmula ultrapassada de fazer educação.

Todos me ouviram com muito respeito e atenção e, certamente, aceitaram minhas palavras, embora isso não tenha amenizado sua revolta.

Continuei frequentando a escola normalmente, procurando ser fiel à minha filosofia de vida e à minha opção. Tudo estava se ajeitando da melhor forma possível, e outro professor já estava sendo contratado para substituir-me. Até que, hoje, meus doces jovens me surpreenderam com um feito inesperado.

Como todos os dias, as aulas se iniciaram e nada parecia diferente. Até que tocou o sinal para o intervalo do lanche, por volta das 10 horas da manhã. E o que vejo ao longe, quando estou me encaminhando para a sala dos professores? Todos os meus alunos estavam pintados, uns no rosto, outros nos braços, meninas com saias de palha, rapazes com maracás em punho, cocares nas cabeças. Chegaram entoando um canto, um lamento. Dirigiram-se ao centro da escola, um pátio circular. Um dos jovens trazia escoltada a diretora. Ela ria com a ponta dos lábios, sem entender direito o que se passava. Os jovens se assentaram em círculo. Todas as classes da escola vie-

MODERNA

ram ver a cena. Era um tanto surreal. Naquela hora pensei num banquete antropofágico. Era, sim, um ritual. Levei minhas mãos à cabeça quando percebi isso. O que será que eles pretendiam?

No meio da roda o jovem Helder se posicionou. Trazia uma pintura muito bem delineada no corpo. Estava sério. Olhou para todos os colegas e fixou seu olhar em mim. Fiquei espremido com aquele olhar. Fez um gesto me convocando para descer. Não tive alternativa. Um grupo já estava chegando a meu lado. Acompanhei-o, curioso. Ainda não sabia o que iria acontecer.

Logo que cheguei à roda, Roberta pintou meu rosto com urucum. Tinha decisão no olhar. Deixei-me entrar no jogo.

Helder falou em voz alta:

— Hoje é um dia de luto para nós. De luto e de luta. Temos ouvido falar muita coisa sobre a liberdade. Dizem que liberdade é fazer o que a gente tem vontade, é conhecer os próprios limites, é respeitar a liberdade do outro. Dizem que é saber fazer o bem ou escolher o mal. Isto é ser livre, dizem. Mas será que isso é verdade? Será que alguém pode ser realmente livre? Alguém pode ser livre quando fala de uma estrutura caduca como a escola ou como o Estado ou como a política? Não. Ninguém pode ser livre. E sabem por quê?

Helder fez uma pausa, esperando alguma reação da plateia. Eu fiquei ali, quieto e vibrando interior-

mente pelo que sucederia. Já havia visto o jovem em ação antes. Sabia que ele tinha o que dizer e sabia argumentar como ninguém. Enquanto ainda divagava, Helder voltou à carga:

— Certamente não sabem o porquê. A resposta, porém, é simples: porque somos escravos das estruturas que criamos e ninguém pode ser livre se se depende dessas mentalidades escravagistas que nossa sociedade possui. Mas há uma modalidade de liberdade que não pode nunca ser tirada das pessoas: a liberdade que mora em nosso pensamento. Hoje estamos tristes porque uma pessoa que nos ensinou a ser livres foi mais uma vítima das estruturas impostas a todos nós. E talvez tenha sido vítima de seu próprio pensamento libertador. Ele nos ensinou a ser livres, pois vive sua liberdade. A ele queremos homenagear com nossa pintura corporal e com o nosso canto de guerra e lamento. Caro professor, leve com você nossa gratidão eterna. Hoje somos homens e mulheres livres, graças à sua liberdade. Levaremos conosco, para sempre, as histórias que você nos contou durante nossos encontros. A sabedoria do seu velho avô que virou nosso avô também e nos tornou participantes dos caminhos do universo.

* * *

Dito isso, todos começaram a entoar um canto de saudade que eu havia ensinado a eles. Cantavam e

batiam os pés no chão como guerreiros a caminho da batalha. Cantavam com o coração e com o corpo num ritmo lento e profundo.

Fechei os olhos ao sabor do canto sagrado que aprendi no coração da floresta. Lembrei-me da minha infância na aldeia. Do velho avô sentado perto da fogueira contando histórias de antigamente, histórias que alimentam a tradição de nossa gente. Bateu uma saudade tão grande que não segurei duas lágrimas correndo no meu rosto.

Nessa batida, minha mente viajou nas palavras de Helder. Ele tinha falado do meu avô, o velhinho que passou a fazer parte do imaginário dos meus alunos no dia em que resolvi mudar o rumo de minhas aulas. Era dele a ideia de que o único tempo que existe é o agora, o presente. Ele dizia que o passado é a memória e o futuro é o vazio. Quando despertei para essa verdade, decidi que minhas conversas com os jovens seriam sobre o tempo, mas não sobre o tempo linear, o tempo dos relógios, da produção, mas sobre o tempo circular, cósmico, que habita a mente e o coração dos povos indígenas, povos nativos, que constroem sua História vivendo o momento, o presente.

Senti-me grato àqueles meninos e meninas. Senti-me realizado no meu papel de confessor de meus sonhos. Naquele dia, enquanto ouvia a irreverência daqueles jovens, resolvi colocar minhas impressões

no papel. Resolvi criar um diário de memórias e resolvi pensar onde esta história havia começado e quando eu havia ajudado esses moços e moças a serem livres.

Agora estou aqui, com minha carta de demissão em mãos para abrir novas trilhas e novos caminhos. Acho que valeu a pena ter sido eu mesmo!

O tempo que se chama hoje

Segundo meu avô — gosto sempre de repetir —, o único tempo que temos é o tempo presente. Ele até perguntava com certa frequência: por que o presente se chama presente? Dava um pouco de tempo e depois respondia: é porque é um presente que ganhamos do Criador. Quem ganha um objeto de presente tem que abrir na mesma hora para poder dar alegria a quem o deu. A vida é o presente que o Grande Espírito nos dá todos os dias, e viver esse presente alegra o coração do nosso Pai Primeiro.

Meu avô era como um sábio que possuía todo o conhecimento de nossa gente. Qualquer coisa que a gente queria saber era só recorrer a ele, pois logo tinha uma história para contar. Foi ele quem me ensinou que era preciso, de vez em quando, mudar. Disse isso pensando no rio. Fez-me olhar o rio que corria.

— Um dia — disse-me ele —, o rio estava muito chateado por não poder fazer outras coisas. Ele não gostava de ficar o tempo todo correndo para um mes-

mo lugar, sem nunca mudar de curso. Lamentava-se para todo mundo. Falava com as árvores que o margeavam; falava com os peixes que nadavam em seu leito; falava com as capivaras que o atravessavam vez ou outra; falava com a Mãe-d'água que precisava dele para manter sua beleza e seu encanto. Enfim, falava com todos achando que poderia mudar sua tarefa.

Numa noite de lua cheia, o rio estava tão absorvido com suas reclamações que não notou o Grande Espírito passeando por suas margens. Este o chamou diversas vezes até que o rio olhou para ele, mas não o reconheceu. Continuou na lenga-lenga de sempre, reclamando do seu monótono trabalho de sair da nascente e ir até o oceano. Nisso, o Criador o chamou, disse ter ouvido sua reclamação e gostaria de saber o que pretendia. Sem reconhecer quem falava com ele, o rio apenas retrucou que queria ser outra coisa, que não queria apenas servir de transporte para peixes e homens.

— Eu queria ser como o pássaro — disse o rio. — Queria voar alto, olhar o mundo lá de cima.

— E para que você gostaria de voar? — perguntou o Criador, Avô do Mundo.

— Queria sentir a liberdade de voar, de conhecer outros lugares, não ficar preso a esse destino.

— Você já compreendeu a importância de seu trabalho, irmão rio?

— É um trabalho sem sentido — disse o rio.

— Tenho a impressão de que não é bem assim. Você caminha por todos os lados; você não tem inimigos que possam destruí-lo; você não tem empecilhos que possam desviá-lo de seu caminho; você não tem quem possa pará-lo; você não pode morrer, pois é a principal fonte de vida em nosso mundo. Somente você mesmo pode ser seu inimigo e é isso o que está acontecendo.

O rio ficou pensando no que lhe disse o Criador e pediu um tempo para meditar em suas palavras.

Alguns dias depois, Nosso Pai Primeiro voltou ao rio e perguntou novamente se ele estava disposto a transformar-se num pássaro. O espírito do rio fitou bem o Criador e disse-lhe que não. Disse que estava muito feliz por ser quem era. Que havia pensado muito, conversado muito, viajado muito e que decidira permanecer rio.

O Criador ouviu em silêncio as palavras do rio e apenas disse:

— Por isso você é o mais sábio dos seres. Como prêmio por sua generosidade, você irá transformar-se todos os dias e irá lembrar aos outros seres que a perseverança é a maior das virtudes. Irá lembrar a todos que é preciso seguir sempre, mesmo por caminhos difíceis. Irá lembrar que é preciso seguir a voz interna, a única que nos guia ao encontro do Grande Rio.

MODERNA

Quando meu avô acabava de falar sobre a história do rio, deitava em sua rede armada no alpendre de sua casa e se deixava ficar ali, por tempo indeterminado, mirando o horizonte, amargando uma saudade do tempo em que o tempo era apenas um aliado.

Essa saudade eu também trazia em mim. Talvez por isso tenha decidido mudar.

MODERNA